

MUNDOS SEPARADOS: MOVIMENTOS, RUPTURAS E PERMANÊNCIAS NA ESCOLA

Jonê Carla **Baião** – UERJ- CAP

Agência Financiadora: FAPERJ

Este pôster apresenta análises preliminares de uma pesquisa em andamento. Estamos no primeiro ano da pesquisa sobre gênero e o contexto de brincadeira e jogos como significativos para a co-construção de identidades.

Trazemos para esta análise dois movimentos: 1- o movimento das professoras e diretora da escola em que a pesquisa ocorre a respeito de gêneros, a compra de brinquedos para o cantinho da brincadeira na educação infantil e 2 – o movimento das crianças ao ocupar este espaço do brincar, com fronteiras demarcadas para meninas e meninos.

O movimento de ruptura com a hegemonia de gênero tem sido freqüente em nossas discussões nos encontros da pesquisa. Vemos que a escola, nossa parceira na pesquisa, quando teve uma verba para compra de brinquedos pensou em “comprar brinquedos para meninas e meninos”, brinquedos que marcassem o gênero, talvez bonecas para meninas e carrinhos para meninos. Vemos também as crianças em movimentos para que meninos brinquem de passar roupa e meninas brinquem com ferramentas, mas será que estas escolhas foram condicionadas por que razões, por implicância entre meninas e meninos ou por naturalidade em brincar com quaisquer brinquedos sem fronteiras de gêneros?

Estas perguntas nos remetem às questões sobre a teoria da hipótese dos mundos Separados, levantada por Maltz e Boker na década de 80 e muito rebatida por autores que enfatizam a construção contextual para identidades.

As pesquisas sobre Gênero e Linguagem na infância têm seu marco representativo nos estudos das Hipóteses de Mundos Separados (SWH) que, no início da década de oitenta, tomaram espaço, especialmente, nos Estados Unidos (cf. Maltz & Borker, 1982).

A pressuposição de que meninas escolhem brincar e se relacionar predominantemente com outras meninas e de que meninos escolhem brincar e se relacionar predominantemente com outros meninos trouxe à tona um conjunto de comportamentos lingüísticos delineados diferentemente para meninas e meninos. Segundo os autores Maltz e Borker (1982), meninas desenvolveriam estratégias de interação que levam a uma linguagem orientada para a colaboração e meninos apresentavam linguagem orientada para a competição.

Os estudos que relativizam o comportamento de gênero têm mostrado a necessidade de se verificar quais fatores interferem/modificam essas construções, em contextos mais específicos, que não sejam meramente aqueles associados à visão essencialista da hipótese dos mundos separados (Maltz e Borker, 1982).

Há autores que apontam para a diversificação das construções de identidades de gênero de acordo com o contexto e o tipo de atividade que as crianças desenvolvem (cf. Kyratzis, 2001; Kyratzis e Guo, 2001; Goodwin, 2001) ou a composição dos grupos (cf Nakamura, 2001) como elementos que modificam as interações e as identidades reivindicadas, que podem ser moldadas pelas alianças que as crianças fazem numa dada interação. Diferentes organizações dos grupos - se meninas com meninas, se meninos com meninos ou se meninas e meninos – podem favorecer diferentes construções de identidades.

Elegemos os contextos do jogo e da brincadeira na escola para analisarmos os discursos se constroem neste espaço pelas crianças e professoras sobre identidades de gênero. Os saberes docentes acerca das identidades plurais que emergem no espaço escolar são nosso eixo metodológico. Apostamos na proposta de Tardif & Gauthier, de que:

Os pesquisadores em educação que se interessam realmente pela formação de professores e que se empenham em colocar suas pesquisas a serviço da prática de ensino deveriam ter como perspectiva (...) estabelecer não uma ciência do ensino, mas uma 'jurisprudência da pedagogia'. (2001: 202)

A verba para comprar brinquedos:

A coordenadora pedagógica nos conta que ela e a diretora tinham uma verba da escola para gastar com a compra de brinquedos, mas que não era possível contemplar meninos e meninas e que decidiram pela compra de bonecas, porque o valor era pequeno para atender a ambos os gêneros. O argumento era de que não tendo verba para comprar brinquedos de meninas e meninos em preços equivalentes e estando as bonecas em promoção, aproveitariam a oportunidade para contemplar a questão étnica na escolha de duas bonecas: branca e negra e deixariam para a próxima verba o brinquedo de menino. Com o passar dos dias, no entanto, elas perceberam que também os meninos gostaram do brinquedo e assumem o papel de pais das bonecas empurrando

os carrinhos de bebês pelo pátio. Elas também nos contam que a boneca no carrinho de bebê estava em promoção e era possível levar duas e que tiveram a preocupação de procurar uma boneca negra.

Chegando à escola, a proposta foi de que cada turma criasse uma narrativa para as bonecas. A partir dos relatos das professoras sobre o desenrolar da atividade em suas turmas, percebemos que uma turma criou um enredo em que, mesmo identificando as bonecas como pertencentes a etnias diferentes, as fizeram irmãs. Outra, a partir da diferença, tornaram-nas amigas. Todas as professoras demonstram preocupação com o fato de que a boneca de fenótipo branco já está bem surrada pelo uso e que a boneca negra está como nova.

Meninas e meninos romperam a expectativa de que boneca é brinquedo de menina, e assim brincaram de “família” com as bonecas, mas os movimentos de manutenção se fizeram quando a boneca negra ficou mais nova que a boneca branca, ainda que essa comunidade escolar seja em sua maioria de crianças afro-descendentes.

As professoras e a diretora perceberam o equívoco em querer determinar que brinquedos meninas e meninos estavam autorizados a escolher para brincar. E materializaram em seus diários de campo as diferentes narrativas que cada turma trazia para as bonecas branca e negra. Santomé nos ajuda a compreender esse movimento das crianças:

O jogo oferece muita informação sobre as crianças, tanto sobre seus níveis e problemas de desenvolvimento e socialização, como sobre as atitudes, os valores e os preconceitos que estejam elaborando em cada momento. O jogo pode ajudar-nos a identificar as necessidades de cada criança, bem como possibilitar que o próprio estudante teste estratégias e medidas que ajudem a mitigar tais problemas. (Santomé: 2001, p. 116)

O espaço das crianças

“Vamos fazer de conta que somos homens e brincar de ferramentas!”- fala entusiasmada Giovanna, que antes me avisou que ia brincar de ser homem.

“Elas não podem fazer isso. Muda tudo nos cantinhos”- retruca Pedro Henrique bem baixinho, cochichando para que eu não ouça.

“Deixa, deixa , vamos brincar de passar roupa, eu quero ver se essas bobonas vão agüentar os meninos mexendo nas coisas delas!” – É Patrick combinando com seus amigos Vinícius e Paulo José, num outro cantinho, que na pressa de reagir, deixou todos os brinquedos jogados no chão.

Pedro Henrique adora sugerir as armações para derrotar as meninas. Só que tenta esconder daqueles que não estão na jogada. Fica muito assustado quando percebe que estou acompanhando suas armadilhas e se disfarça.” (diário da Professora Ana)

“Voltando à questão de gênero: os meninos não aceitavam que as meninas brincassem com a caixa de ferramentas, por isso apertavam os parafusos para que as meninas não pudessem brincar.” (trecho do diário da bolsista Vera)

A situacionalidade, o contexto, destes trechos de diários da pesquisa nos mostram a fecundidade da linguagem como construto social. As crianças estão invadindo fronteiras demarcadas para meninas e meninos. Às meninas as brincadeiras de casinha, e tarefas como passar roupa, aos meninos as tarefas pesadas como os consertos e a habilidade “apertar bem os parafusos”. Até aí tínhamos o reforço das “hipóteses dos mundos separados”, mas concorre a este padrão a opção que a narrativa, a brincadeira dá de transgredir “as normas”, já previsto em Santomé: “vamos fazer de conta que somos homens e brincar de ferramentas”, pelo faz de conta já se permite entrar no mundo adultos de homens e mulheres, mas para brincar de ferramentas não podem ser mulheres adultas, somente os homens; então brinca-se de ser adulto e homem para brincar com as ferramentas. A criança pede permissão, avisa à professora, que irá “fazer de conta”, assim ela não poderá ser julgada pelas regras do mundo real, porque no faz de conta tudo pode, no mundo real não, os valores cerceiam as possibilidades. Assim, o jogo e os brinquedos, na medida em que simulam situações sociais facilitam a transmissão e a introjeção de informações, atitudes e valores referentes ao mundo social. (SANTOMÈ, 2001: 93).

Pela linguagem

Pela linguagem materializamos nossas crenças e evidenciamos nossas hipóteses, ao externá-las podemos ouvi-las e partilhar, deste modo, inicia a possibilidade de rever o

que está sendo construído não só como metalinguagem, mas como alteridade no sentido backthiniano da palavra, pelo outro percebe-se e transforma-se a realidade. Ao disponibilizarmos para as professoras, bolsista e pesquisadoras, os sujeitos da pesquisa, os movimentos que estamos fazendo, movimentos de indas e vindas, de aparentes avanços numa construção de uma escola mais democrática que rompa com estigmas de gêneros , mas sem medo de enfrentar os retrocessos aparentes em que comprar brinquedos para meninas e meninos possa excluir a possibilidade, que a realidade mostra, de que meninos se divirtam tanto quanto com tais bonecas, porque, como aponta Moita Lopes,

Esse processo interacional de construção dos discursos é especialmente relevante pelo fato de se compreender que o significado não é intrínseco à linguagem. É o resultado de um trabalho interacional que implica negociação, embate, ideologia e poder. (Moita Lopes, 2009, 12)

Estamos apostando na fecundidade do espaço escolar como espaço para a construção de saberes docentes para lidar com a diferença e que esses saberes possam constituir uma jurisprudência da pedagogia, como nos alertou Tardif e Guatier.

Bibliografia:

BACKTHIN, M. *Marxismo e filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec. 1998.

GOODWIN, Majorie H. Organizing Participation in Cross-Sex Jump Rope: Situating Gender Differences Within Longitudinal Studies of Activities. In: *Research on Language and Social Interaction*, 34. Copyright: 2001, Lawrence Erlbaum Associates. P.75-106.

KYRATZIS, Amy. Children's Gender Indexing in Language: From the separate Worlds Hypothesis to Considerations of Culture, Context, and Power. In: *Research on Language and Social Interaction*, 34. Copyright: 2001, Lawrence Erlbaum Associates. P.1-13

KYRATZIS, Amy & GUO, Jiansheng. Preschool Girls'and Boys' Verbal Conflict Strategies in the United States and China. In: *Research on Language and Social Interaction*, 34 (1), 45-74. Copyright, 2001: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

MALTZ, D.N. & BORKER, R.A. A cultural approach to male-female miscommunication. In J.J. GUMPERZ (ed.) *Communication, language and social identity*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1982. p 196-216.

NAKAMURA, Keiko. Gender and Language in Preschool Children. In: *Research on Language and Social Interaction*, 34. Copyright: 2001, Lawrence Erlbaum Associates. P.15-43.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Prefácio. In: *Discursos Socioculturais em Interação*. PEREIRA, Maria das Graças Dias, ROLIM, Clarisse e PEREIRA, Tânia Conceição. (orgs.) Rio de Janeiro, Grammon, 2009 pp 11-21

SANTOMÉ, Jurjo T. A socialização infantil por meio do jogo e do brinquedo: discursos explícitos e ocultos sobre o jogo e a brincadeira nas instituições escolares. In: CANEN, Ana e MOREIRA, Antônio F. B. (orgs) *Ênfases e Omissões no Currículo*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

TARDIF, Maurice & GAUTHIER, Clermont. O professor como "ator racional": que racionalidade, que saber, que julgamento? In: PERRENOUD, Philippe et al (orgs.) *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?* 2 ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001; pp. 185-210.